

O CORAÇÃO ENLUTADO EM UM SOPRO DE VIDA DE CLARICE LISPECTOR

THE GRIEVING HEART IN A BREATH OF LIFE BY CLARICE LISPECTOR

Tais Turaça Arantes¹

Recebimento do Texto: 08/02/2023

Data de Aceite: 06/03/2023

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o livro “Um sopro de vida” da autora Clarice Lispector, com foco nas questões sobre o coração enlutado e os elementos relacionados à vida e à morte. O estudo utiliza a teoria de Freud sobre luto e melancolia, bem como a semiótica de Peirce para fazer as análises dos trechos selecionados do livro. O texto é de natureza qualitativa e é dividido em três partes: uma introdução sobre a autora, a descrição do objeto de análise e a fundamentação teórica, seguida das análises. O método de análise é baseado nas categorias fenomenológicas de primeiridade, secundidade e terceiridade. Além disso, o estudo também utiliza contribuições de outros pesquisadores para construir sua fundamentação teórica. A obra “Um sopro de vida” de Clarice Lispector é uma reflexão profunda sobre a vida, a morte, a identidade e a criação literária, carregada de emoção e sensibilidade devido às circunstâncias em que foi escrita, e continua a ser relevante para a literatura e cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVES: Luto. Literatura. Semiótica.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the book “Um sopro de vida” by Clarice Lispector, focusing on questions about the grieving heart and elements related to life and death. The study uses Freud’s theory of mourning and melancholy, as well as Peirce’s semiotics to analyze selected excerpts from the book. The text is of a qualitative nature and is divided into three parts: an introduction about the author, the description of the object of analysis and the theoretical foundation, followed by the analyses. The analysis method is based on the phenomenological categories of firstness, secondness and thirdness. In addition, the study also uses contributions from other researchers to build its theoretical foundation. The book “Um sopro de vida” by Clarice Lispector is a profound reflection on life, death, identity and literary creation, full of emotion and sensitivity due to the circumstances in which it was written, and continues to be relevant to literature and Brazilian culture.

KEYWORDS: Grief. Literature. Semiotic.

1 Doutora em Psicologia Social (PPGPS-UERJ), Campus do Rio de Janeiro/RJ; e Doutoranda do curso de Pós-graduação Stricto-sensu em Letras (CIÊNCIA DA LITERATURA), Campus do Rio de Janeiro/RJ.

Introdução

O presente artigo possui como corpus o livro *Um sopro de vida* da autora Clarice Lispector. O estudo é guiado pelas seguintes perguntas: a) O que seria o coração enlutado no livro (pergunta central desse texto)?; e b) Quais são os elementos que estão em torno da vida e da morte no livro?

Para poder responder esses questionamentos, buscou-se o embasamento teórico por dois caminhos. O primeiro versou sobre a questão do luto e da melancolia nos escritos de Freud e o segundo sobre a semiótica de Peirce. Dessa forma, a semiótica será utilizada aqui para fazer as análises dos trechos selecionados a partir das três categorias fenomenológicas: a) primeiridade; b) secundidade; c) terceiridade. Para além desses dois teóricos, também se amparou sobre demais pesquisadores de ambos os campos que contribuíssem para a construção da fundamentação teórica.

Dessa forma, esse texto é de cunho qualitativo. O texto foi dividido metodologicamente em um primeiro momento voltado para explicar um pouco sobre Clarice. Em seguida, o objeto de análise é descrito, bem como a fundamentação teórica. Por fim, são feitas as análises.

Clarice

Clarice Lispector é uma importante escritora da literatura brasileira. A vida de Clarice sempre foi algo que despertou a curiosidade de todos enquanto ela ainda estava viva. O seu sotaque, por exemplo, era algo que deixava as pessoas cheias de questionamentos sobre a sua origem. Ela nasceu na Ucrânia em 1920 e sua família mudou-se para o Brasil quando ainda era um bebê de colo, como a própria explica:

Nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. Cheguei ao Brasil com apenas dois meses de idade (LISPECTOR apud. MOSER, 2011, p. 10).

A expressão “Terra de meus pais”, nos leva a compreensão de que para a autora a sua pátria seria o Brasil. Morou no nordeste do país e depois mudou-se para o sudeste. A respeito disso, Moser (2011, p. 11) nos explica que “sua nacionalidade era questionada, e a identidade de sua língua nativa era obscura. Uma autoridade atestará que era de direita, e outra, que era comunista. Uma insistirá que era uma católica devota, embora na verdade fosse judia”, ao ler o livro de Moser, fica o sentimento de que os leitores e pesquisadores buscam entender Clarice por meio de sua vida, como se houvesse a existência de algo profundamente misterioso para justificar a sua escrita. “Meu mistério é não ter mistério” (apud Moser, 2011) como escrito no próprio conto da autora chamado A mensagem: “Eu sou enfim a própria coisa que vocês procuravam, disse a casa grande. E o mais engraçado é que não tenho segredo nenhum, disse também a grande casa” (LISPECTOR, 1998, p. 129). Talvez não exista nenhum grande mistério em torno de sua vida pessoal.

Clarice escreveu desde muito pequena, sete anos de idade, como a própria explicou: “quando eu aprendi a ler e escrever, eu devorava os livros! [...] Eu pensava que livro é como árvore, como bicho: coisa que nasce! Não descobria que era um autor! Lá pelas tantas, eu descobri que era um autor. Aí disse: ‘Eu também quero’” (ROSENBAUM, 2002, p. 11). Então, ela começou a mandar contos para a seção infantil do Diário de Pernambuco, mas nunca foi publicada. “As outras crianças eram publicadas e eu não”, comenta Clarice. “Logo compreendi por quê: elas contavam histórias, uma anedota, acontecimentos. Ao passo que eu relatava sensações... coisas vagas” (ROSENBAUM, 2002, p. 11).

A autora escreveu o seu primeiro livro em 1942, chamado Perto do coração selvagem. No final de 1943, o livro foi publicado. No início de 1944, pouco tempo depois da publicação, a imprensa especializada começou a realizar resenhas e críticas do livro. No mesmo ano, o livro ganha o prêmio Graça Aranha, relativo ao ano de 1943. As críticas em alguns momentos eram amargas e em outras aclamavam a sua escrita (TORRE, 2006). Clarice ficou na mira dos especialistas e suas críticas, que em alguns momentos poderiam causar confusão ou tristeza; algum sentimento despertava em Clarice. Como a própria, em uma carta para a irmã Tania, explica: “Procuro não me desesperar, ou melhor, nem posso porque estou vagando numa quietude chata. Espero que isso se transforme depressa; as

críticas, de um modo geral, não me fazem bem” (LISPECTOR, p. 34).

Nesse sentido, estudaram e ainda estudam Clarice por vários prismas, como por exemplo, por meio de questões filosóficas marcadas pela questão existencial. Alfredo Bosi, (1970) em História concisa da literatura brasileira, assinala as perspectivas filosóficas dos escritos de Clarice. Depois começou-se a estudar Clarice através de sua própria história:

Posteriormente, outros estudiosos procuraram esclarecer Clarice através da própria história. A primeira biografia de Clarice, feita nos anos 1960 por Renard Perez, serviu de referência até a década de 80-90. Depois foi Olga Borelli, amiga de Clarice, quem trouxe um pouco mais da intimidade da autora em Clarice Lispector esboço para um possível retrato, articulando a vida e escrita (TORRE, 2006, p. 21).

Neste próprio artigo, algumas coisas sobre a sua vida foram citadas, mas com a intenção de situar um pouco sobre a escrita de Clarice. A autora escreveu romances, contos, livros infantis, entre outros.

Descrição do objeto

Como supracitado, o livro central de análise deste texto é Um sopro de vida, publicado em 1978 com fragmentos reunidos pela amiga Olga Borelli. Em 1977, a escritora Clarice Lispector que já estava em uma luta contra o câncer escreve este livro, que seria uma publicação póstuma (ROSENBAUM, 2002). Sua escrita foi iniciada em 1974 e concluída em 1977, às vésperas de sua morte. De criação difícil, Um sopro de vida foi, no dizer de Clarice, “escrito em agonia”, pois nasceu de um impulso doloroso que ela não podia deter (BORELLI, 1978, p. 5). A história retratada é de um homem aflito que criou uma personagem, Angela Pralini, seu alter-ego. Contudo, esta toma vida própria e demonstra ter pensamentos diferentes de seu criador.

A palavra é a matéria-prima da literatura. Para efeito de constatação apresenta-se um somatório de palavras que se compreende como essenciais na construção da obra. No que se revela ao campo interpretativo de partir: a) Morte aparece 79 vezes; b) Morta: 9 vezes; c) Morrer: 43. No que se refere ao campo

interpretativo de permanecer, ficar: a) Viver: 74; b) Vida: 139 (eliminando a sua aparição no título da obra); c) Viva: 19 vezes. O livro trata sobre muitos elementos que estão em torno da vida e da morte através de metáforas, como a representação da liberdade através da imagem da ave de rapina, presente nos seguintes trechos: a) “ISTO NÃO É UM LAMENTO, é um grito de ave de rapina” (LISPECTOR, 1987, p. 7, grifo nosso); b) “Voar baixo para não esquecer o chão. Voar alto e selvagem para soltar as minhas grandes asas” (LISPECTOR, 1987, p. 48, grifo nosso). A liberdade é um elemento em torno da vida.

Base teórica

Os dois teóricos bases da fundamentação teórica desse estudo são Charles S. Peirce e Sigmund Freud. Eles foram contemporâneos um do outro: Peirce nasceu em 1839 e faleceu em 1914, enquanto Freud nasceu em 1856 e veio a falecer em 1939. Não se conheceram e fizeram suas carreiras profissionais diferentes. Entretanto, com o passar do tempo e a:

partir do nosso atual ponto de vista, há muitos aspectos que aproximam o pensamento destes dois grandes homens e muito proveito decorre de colocarmos em mútuo diálogo o que propuseram, Peirce de um ponto de vista mais filosófico e Freud sob um viés psicanalítico ou metapsicológico (PAVAN; SILVEIRA, 2009, p. 68).

Apesar de terem desenvolvido suas teorias em campos diferentes (Freud na psicanálise e Peirce na semiótica), existem alguns pontos de convergência entre Freud e Peirce que podem ser destacados. Um desses pontos de convergência é a importância atribuída à interpretação e ao significado. Tanto Freud quanto Peirce acreditavam que a interpretação é fundamental para a compreensão dos fenômenos mentais e que o significado é uma construção social e cultural que pode variar de acordo com o contexto.

Outro ponto em comum é a ênfase na comunicação e na linguagem como ferramentas para a compreensão dos fenômenos mentais. Para Peirce, a linguagem é fundamental para a construção do conhecimento e para a interação social, enquanto para Freud a linguagem é uma forma de expressão das emoções

e da vida psíquica.

Por fim, ambos os teóricos também compartilham a ideia de que os fenômenos mentais são complexos e multifacetados e que a compreensão desses fenômenos requer a análise de múltiplas dimensões, como as dimensões afetivas, simbólicas e cognitivas.

Embora suas abordagens sejam diferentes, Freud e Peirce foram importantes para o desenvolvimento da psicologia e da semiótica, respectivamente, e suas teorias continuam a ser relevantes para a compreensão dos fenômenos mentais e culturais. Por fim, para o presente trabalho, Freud nos fornecerá o entendimento do que é o luto, enquanto Peirce nos fornecerá a ferramenta de análise dos trechos analisados.

O luto para Freud

A Literatura é uma arte que pode ser compreendida através do seu ato de criar e de recriar textos. Ela preexiste à Psicanálise e pode ser tomada como objeto de expressão do inconsciente para, por meio das palavras (signos verbais), amarrar a experiência do corpo com a realidade. Há um rumor em cada discurso, uma palavra que foi dita, outra que não, uma reticência, uma interrogação. Há a presença de uma aposta no desejo do sujeito. Todos esses rumores interessam à Psicanálise (SIMÕES, 2017).

Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013, p. 88) explicam que o processo de luto está “inevitavelmente presente na dinâmica entre os dois polos da existência humana: a vida e a morte”, vivenciado por meio de perdas que podem perpassar pelas dimensões físicas e psíquica. De modo geral, o luto é a reação do ser humano à perda de um ente querido ou à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país. No entanto, isso não quer dizer que seja necessariamente uma pessoa: o luto pode vim da perda da liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, essas mesmas influências podem produzir a melancolia em vez de luto (FREUD, 2011), sendo a melancolia descrita como um estado patológico. Observa-se que a ideia de luto não está limitada apenas à morte, mas o enfrentamento que se dá as sucessivas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano. Por exemplo, quando somos

crianças e nos tornamos adolescentes, o crescimento vem junto com a dolorosa abdicação do corpo infantil e suas significações (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

As vivências de perda se apresentam em nossas vidas por vezes como experiências que não são fáceis de elaboração. O luto, como um processo relacionado à perda, não irá se manifestar de formas iguais na vida do sujeito (SOUZA; PONTES, 2016). O luto não é visto como um estado patológico, como a melancolia, e por isso não há a necessidade de indicar tratamento médico para ele. Há a confiança de que o luto será superado após certo tempo, e por isso há a crença de que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial para o sujeito (FREUD, 2011).

O luto é um processo psicológico natural que ocorre após a perda de um ente querido ou de algo significativo em nossas vidas. O luto é um estado de tristeza profunda, desespero e desorganização emocional que pode durar um período prolongado de tempo. O processo de luto é dividido em duas fases, sendo a primeira fase a de negação, na qual a pessoa se recusa a aceitar a perda e tem dificuldade em acreditar na realidade da situação. A segunda fase é a fase de aceitação, na qual a pessoa começa a se adaptar à nova realidade e a superar a dor da perda (FREUD, 2011).

Outro ponto a ser apresentado é que o luto e a melancolia são dois estados psicológicos diferentes que podem ocorrer após a perda de algo significativo em nossas vidas. Embora ambos os estados envolvam tristeza profunda e desespero, existem diferenças importantes entre eles. A melancolia, que é um estado emocional patológico que pode surgir após a perda de um objeto amoroso. Neste caso, a pessoa pode se sentir culpada, desvalorizada e até mesmo desejar a morte. Para Freud, a melancolia ocorre quando a pessoa não consegue lidar com a perda de uma forma saudável e se sente presa na fase de negação do luto (FREUD, 2011).

Uma vez que existe a colocação consciente da perda no luto, existe, de um ponto de vista econômico, um grande gasto de energia por parte do sujeito, uma vez que em um determinado momento se percebe por meio da realidade que o objeto amado não existe mais (SOUZA; PONTES, 2016).

Semiótica Peirceana

O conceito de signo é algo fundamental na semiótica de Peirce. O signo pode ser compreendido como uma coisa que representa outra coisa, no caso o seu objeto. O objeto, por sua vez, pode ser considerado a causa determinante do signo. Assim, signo está no lugar do objeto, mas não é ele. Podemos citar como exemplo a pintura de René Magritte, *Ceci n'est pas une Pipe* (Isto não é um cachimbo), pois de fato não o é, é a imagem que aparece na pintura é a representação de um cachimbo. A representação do signo tem a capacidade de representar o objeto até certa forma e numa determinada capacidade. Para que exista a representação, é necessária a existência de um interprete. Por isso que a semiótica de Peirce se caracteriza como seletiva de contextualização, visto que, dentro da respectiva teoria algo - no caso o signo - está a fazer algo significativo, retratar alguma coisa para alguém, por estar em relação com alguns sentidos ao invés de outros dentro de algum contexto (LEMKE, 1997).

Peirce constrói um quadro de categorias que ajuda a organizar tudo aquilo que aparece ou que possa aparecer a uma mente independentemente de ser algo real ou imaginário (PAVAN; SILVEIRA, 2009). Essas categorias foram denominadas por Peirce respectivamente de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

De acordo com a teoria semiótica de Charles Peirce (1974), todo fenômeno pode se manifestar dentre três categorias: primeiridade (coerência), secundidade (reação, conexão) e terceiridade (interpretação). Tal representação é acionada por um signo em três formas: ícone, índice (index) e símbolo. O ícone é que conota o seu objeto através da semelhança. O índice indica a existência, continuidade física com seu referente. O símbolo é o signo interpretado por convenção geral (EMÉRITO, 2010, p. 05).

As categorias fenomenológicas citadas anteriormente dentro da teoria de Peirce são o que definem a qualidade, relação e representação (SANTAELLA, 2012). A primeiridade ao nível sensível, do signo em si mesmo, é aquilo que está de forma imediata presente na consciência humana; a secundidade está no nível da

experiência relativa às relações semântica entre signo e o seu objeto; a terceiridade diz respeito à mente, o signo em relação ao interpretante (NETTO, 1983, p. 61).

Essas três relações que o signo é capaz de criar: semelhança, relação e convenção, representando assim, o ícone, índice e símbolos. Os ícones são os resultados da semelhança de algo com as referências no mundo, como, por exemplo, o ato de olhar uma fotografia. Já os índices são os sinais que mostram as relações de “algo” para “outra coisa” localizada no tempo, espaço. Cita-se como exemplo o de dois amigos estarem caminhando na rua e quando vão atravessar a faixa de pedestre um deles aponta para o sinal na intenção de indicar que o sinal está verde. Sendo assim, os símbolos representam uma prática convencional, visto que se o sinal está verde eles poderiam atravessar (JAMANI, 2011).

De acordo, com Ferraz Jr (2012, p. 66) “a leitura de um texto literário enfatizará o modo simbólico de representação quando o seu significado for evocado principalmente pelos sentidos convencionais dos signos utilizados”. Em outras palavras, quando o leitor faz as associações entre a forma literária e aquilo que ela representa está se criando as fundamentações nas convenções estabelecidas pelos códigos linguístico e literário; nível interpretativo.

O estilo e as formas de composição escrita da Clarice trabalham a construção do efeito estético da obra *Um sopro de vida*. Há uma presença grande de símbolos que se costumam na tessitura do texto. A escolha e repetições de algumas palavras ao longo do texto obedecem a um esquema de estrutura da prosa e contribui para a criação da vida do livro. Como Ferraz (2004) explica que a materialização de algumas palavras está relacionada com a construção do signo, indo mais longe que o simbólico em direção ao icônico.

Análise

Iremos analisar aqui a imagem do coração através dos seguintes trechos²:

1. “meu coração está **espantado**. É por isso que toda a minha palavra tem um coração onde circula sangue” (LISPECTOR, 1987, p. 10, *grifo nosso*)
2. “Meu coração está **gélido** que nem barulhinho de gelo

2 É interessante observar que assim como na teoria tricotômica de Peirce no livro analisada o coração também aparece tripartido e dividido ao longo do texto em três momentos: começo, meio e fim.

em copo de uísque”(LISPECTOR, 1987, p. 71, *grifo nosso*)

3. “Meu coração está de **luto**. Mas amanhece. Nossas sementes brotam. Amanheço. Não sou juiz não, meu senhor. Sou viola doce. Melhor que Carl Orf é o silêncio” (LISPECTOR, 1987, p. 107, *grifo nosso*).

Está parte é analisada, em primeiro momento, a partir dos hipoícones. A finalidade é buscar respostas para a segunda pergunta desse estudo. Os hipoícones se desdobram em três tipos: as imagens, os diagramas e as metáforas:

1. As *imagens* constituem o tipo mais próximo de um ícone ideal. São os signos que “participam das qualidades simples” do objeto representado, configurando assim uma reprodução mimética desse objeto: um retrato naturalista, uma maquete de edifício, uma onomatopéia são exemplos de signos imagéticos.
2. b) Os *diagramas* são “ícones de relações inteligíveis”, isto é, representam o objeto através de relações análogas entre as partes desse objeto e suas próprias partes, não havendo um mimetismo entre *representâmen* e objeto, mas semelhanças pontuais, da ordem de uma analogia ou proporcionalidade. É o que ocorre com um mapa em relação à região que representa, ou com a escala de um termômetro em relação à temperatura medida.
3. Já as *metáforas*, na complexa definição de Peirce, “representam o caráter representativo de um representâmen através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa” (FERRAZ JR; FERRAZ, 2009, p. 1404).

No começo do livro, o coração está espantado, quase na metade o mesmo coração está gélido e por fim ele está de luto quase no final. O coração aqui é um diagrama, pois o objeto é representado “através de relações análogas entre as partes desse objeto e suas próprias parte” (FERRAZ JR, 2009, p. 1404). Em seu espanto o coração está vivo, pulsando sangue; esse coração é o início da jornada logo após o nascimento. Esse coração é um signo de vida. O coração gélido pode ser classificado como ambíguo, pois ele poderia estar relacionado com a morte e a perda de avidez, contudo também poderia dizer que é um coração insensível. Esse coração gélido é arbitrário, podendo ser um signo de vida ou de morte. Por fim,

o coração está de luto, mas ele amanhece, simbolizando assim a aceitação de um destino fatídico. Classifica-se luto um signo de morte, pois este evidencia a perda importante de algo durante a vida, no caso em questão, a perda de si mesmo.

Agora, analisa-se os mesmos trechos a partir das categorias fenomenológicas. A primeiridade é manifestada nas frases a partir da consciência imediata, como nenhuma outra coisa além do sentir, “a qualidade da consciência imediata é uma impressão (sentimento) in totum, indivisível, não analisável, inocente e frágil” (SANTAELLA, 2012, p. 66). A consciência imediata presente no trecho A é a consciência geral da vida, porque o coração está espantado com os primeiros batimentos cardíacos de um recém-nascido. Trata-se de consciência também de que toda a vida é a palavra, sendo essa vida jovem, visto que é um coração que circula muito sangue. No trecho B, a qualidade imediata que se apresenta é a da vida adulta porque o coração ele está gélido. No trecho C, seu coração afirma que está de luto ele perdeu alguma coisa e agora passa por esse momento.

Na secundidade, temos a reação. A secundidade é a categoria da experiência. A quebra do silêncio da noite por um apito penetrante, o choque e a surpresa nele revelam uma dupla face consciência de um ego e um não-ego (POTTER, 1997). No trecho A, o coração espantado poderia ser uma metáfora para a noção de infância. Do mesmo modo, o trecho B seria a metáfora para a vida adulta. Pode-se ainda utilizar outro elemento para elucidar essa idade, que faz referência a vida adulta: a frase a seguir “barulhinho de gelo em copo”. Observa-se aqui a noção de espaço que foi delimitado. Esse coração além de gélido está preso e sem saída. No trecho C o que se perdeu foi a juventude com a chegada da velhice.

Por fim, a terceiridade que caracteriza o modo de ser de leis que governam eventos futuros. Essa categoria se manifesta na experiência através de previsões que têm uma tendência decidida a ser cumprida. Se uma previsão tem uma tendência decidida a ser cumprida, deve ser que os futuros eventos tendem a se conformar a uma regra geral (POTTER, 1997). Nessa categoria que se aproxima o primeiro do segundo, no trecho A, a ideia de espanto se atrela ao fato do coração jovem ser mais forte, pois ele bate 120 a 140 batimento por minuto. Em B, a metáfora para a vida adulta aparece com os jogos de palavras atrelada à leitura do livro. Esse trecho também aparece quase na metade da leitura, e observa-se a representação

crescente da imagem do adulto; é a metade do caminho da vida humana. Pode-se dizer que aqui também houve a ruptura com o coração espantado, o coração jovem. Por fim, em C temos “meu coração está de luto”. Aqui é a compreensão da velhice e de estar perto do fim. Esse sentimento poderia despertar o luto. É interessante apontar que esse coração tripartido não está melancólico e sim de luto, pois há nesse coração uma aceitação do caminho que a vida faz: começo (juventude), meio (adulto) e fim (velhice). Isso pode ser percebido principalmente pela presença da conjunção adversativa mas atrelada a palavra amanhece logo após a afirmação de que o coração está de luto. Como citado anteriormente, o luto não é visto como algo negativo para o ser humano e se aconselha que ela não seja interrompido e no mesmo momento em que se avisa que esse coração está de luto, já é apresentado em seguida a superação do mesmo.

Respostas as perguntas iniciais

O presente texto tentou em seu escopo analisar o coração de luto presente na obra *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector. Para tanto, utilizou-se como base dois teóricos de campos diferentes: Freud e Peirce. No início desse texto também foram apresentadas duas perguntas em que, depois de toda a exposição e análises realizados, apresentam-se agora a tentativa³ de respostas:

a) O que seria o coração enlutado no livro *Um sopro de Vida* de Clarice Lispector ?;

O coração enlutado que está presente no livro para demonstrar a noção de passagem da vida. Durante a leitura, observa-se que tanto o narrador-escritor quanto a Angela dentro do livro estão em um processo de construção do próprio caminho e de aceitação. Uma coisa interessante a ser apontada é que ambos possuem divergências em vários temas, mas quando se tratava da morte os questionamentos de ambos sobre o que pode acontecer depois da morte e quais são os caminhos que se devem seguir. O luto está presente, de certa forma, desde o início, quando se é alertado que não era um lamento todas as palavras ali presentes.

³ Utilizou-se aqui a palavra tentativa, pois acredita-se que o texto não está fechado em sua essência e que talvez em uma terceira ou quarta leitura do livro *Um sopro de vida* se chegue as respostas mais concretas.

b) Quais são os elementos que estão em torno da vida e da morte no livro?

Pincelados de forma breve no texto, os elementos em torno da vida e da morte está nos signos verbais (palavras) que rodeiam o sentido de permanecer e partir por meio dos três tipos de hipoícones: as imagens, os diagramas e as metáforas. Compreende-se que, por mais que esse livro de Clarice traga uma carga emocional pesada devido ao momento em que a própria autora estava passando por sua vida, o livro apresenta, por meio do jogo dos signos verbais, que em muitos momentos se quebra a ordem estabelecida em “vida versus morte”, a morte passa a ser um instante de vida.

É importante finalizar esse escrito com a seguinte reflexão: as análises aqui realizadas partem da noção, demonstradas por Santaella em seu livro de 2012, de que para o ser humano tudo é signo, tudo aquilo que produz consciência, podendo ir mais longe do que uma representação mental, se configurando em uma experiência. Nesse sentido, não se pode negar que as análises puderam sofrer interferências de minha própria leitura de vida.

Conclusão

Considerando a análise do livro *Um sopro de vida* feita neste artigo, pode-se concluir que a obra de Clarice Lispector representa uma reflexão profunda e complexa sobre a vida e a morte, o luto, a melancolia, a identidade e a criação literária. O fato de que a escrita do livro foi iniciada em um momento tão difícil da vida da autora, quando ela enfrentava uma luta contra o câncer, confere à obra uma carga emocional ainda mais intensa e uma sensibilidade única.

A utilização da semiótica de Peirce e da teoria psicanalítica de Freud para analisar os temas presentes no livro revelou pontos de convergência entre os dois teóricos e mostrou como as categorias fenomenológicas propostas por Peirce podem ser aplicadas na análise literária. Isso demonstra a importância de estudos interdisciplinares que buscam unir diferentes áreas do conhecimento para uma compreensão mais profunda e abrangente da obra.

Por fim, a história de *Um sopro de vida* retrata a relação complexa e

fascinante entre um criador e sua criatura, refletindo sobre as fronteiras entre a realidade e a ficção, entre o ser e o parecer. A obra de Clarice Lispector, mesmo depois de sua morte, continua a despertar interesse e curiosidade, mostrando a relevância de seu trabalho para a literatura e a cultura brasileira.

Referências

BORELLI, O. In: CLARICE, L. Um sopro de vida. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1978. p. 5.

BOSI, A. Clarice Lispector (sgB). In: *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 474-477.

CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BONFIM**, T. E. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicol inf.* [online]. 2013, vol.17, n.17, p0,0. 87-105.

EMERITO, M. Diálogo entre Barthes, Peirce e Greimas. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, junho de 2010, p. 01-13.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FERRAZ JR., E. Semiótica e Análise Literária - uma Introdução. *Revista do GELNE (UFC)*, João Pessoa - PB, v. 6, n.01, p. 47-55, 2004.

_____. A leitura do texto literário: uma abordagem semiótica. *Signo (UNISC. Online)*, v. 37, n.62, p. 80-80, 2012.

_____. FERRAZ, P. F. L. A iconicidade, da Semiótica à Lingüística: situação do problema. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN - Associação Brasileira de Lingüística, 2009, João Pessoa. *ABRALIN 40 ANOS - VI Congresso Brasileiro da ABRALIN - ANAIS*. João Pessoa: Idéia, 2009. v. 1. p. 1402-1408.

JAMANI, K. J. A semiotic discourse analysis framework: understanding meaning making in Science education contexts. In: HAMEL, Steve. *Semiotics theory and applications*. Canada: Nova Science Publishers, 2011.

MOSER, B. *Clarice*,. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Versão Ebook. Disponível em: file:///C:/Users/taist/Documents/Clarice%20-%20Benjamin%20Moser.pdf.

ROSEMBAUM, Y. *Clarice Linspector*. São Paulo: Publifolha. 2002.

LEMKE, J. L. Cognition, contexto, and learning: a social semiotic perspective. In: KIRSHNER, David; WITHSON, James. *Situated Cognition Theory: Social, Neurological, and Semiotic Perspectives*. LONDON: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

LISPECTOR, C. *Correspondências*. São Paulo: Rocco, 2002.

NETTO, J. T. C. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

_____. A mensagem. In: CLARICE, L. *Felicidade Clandestina*. São Paulo: Rocco, 1998. p. 133-135.

_____. *Um sopro de vida*. São Paulo: Rocco, 1987.

PAVAN, J. A.; SILVEIRA, L. F. B. da. A forma: sua importância semiótica e psicanalítica. *Ide (São Paulo)*, São Paulo, v. 32, n. 48, p. 89-103, jun. 2009.

PERICE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

POTTER, V. G. *Charles S. Peirce On Norms & Ideals*. Nova York: Fordham University Press, 1997.

SANTAELLA, L. *O que é Semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

SIMÕES, R. B. S. Psicanálise e literatura - O texto como sintoma. *Analytica*, São João del Rei, v. 6, n. 11, p. 159-179, dez. 2017.

SOUZA, A. M. S.; PONTES, S. A. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. *Analytica*, São João del Rei, v. 5, n. 9, p. 69-85, dez. 2016.